

I

Uma vez, quando Benet tinha uns catorze anos, tinham viajado juntas num comboio, sozinhas na carruagem, e Mopsa tentara esfaqueá-la com uma faca de trinchar. Ou melhor, ameaçara-a com ela. Benet estivera a pensar por que motivo trouxera a mãe uma mala de mão tão grande, uma mala vermelha que não condizia com as roupas que vestia. Mopsa gritara e rira e dissera coisas dementes, e depois voltara a guardar a faca na mala. Mas nessa altura Benet estava muito assustada, perdera a cabeça e puxara o sinal de alarme, a que Mopsa chamava a «corrente de comunicação». O comboio parara, houvera aborrecimentos para todos os envolvidos e o pai dela tinha ficado zangado e soturnamente triste.

Ela esquecera mais ou menos o episódio. A recordação voltou-lhe, clara, enquanto esperava por Mopsa no aeroporto, em Heathrow. Embora tivesse visto Mopsa muitas vezes desde então, tivesse vivido com ela sob o mesmo tecto e visto como ela podia mudar, era a figura de lenço, xai-le e fitas, com o seu toirão de cabelo rebelde, que os seus olhos procuravam enquanto aguardava atrás da barreira entre os guias turísticos com os seus cartazes, os indianos ansiosos e as mulheres de homens de negócios. James queria sair do carrinho, não conseguia ver dali de baixo e não se sentia bem. Benet pegou-lhe e escarranchou-o na anca, a envolvê-lo com o braço.

Devia ter sido excitante esperar ali. Havia um não-sei-quê de dramático na emergência das primeiras pessoas atrás da parede que ocultava a al-fândega, quase como se tivessem fugido para a liberdade. Benet lembrou-se de ter esperado Edward ali, uma vez, e como fora maravilhosa a sensação que experimentara ao vê-lo naquele primeiro momento. Todas aquelas pessoas a passarem, todas desconhecidas, todas estranhas, e depois Edward, tão positiva e absolutamente Edward que fora como se ela fosse a cores e todos os outros a preto e branco. Esperar por Mopsa não

era a mesma coisa. Esperar por Edward, se tal coisa fosse concebível, também não seria agora a mesma coisa. Não seria a mesma coisa esperar por ninguém do seu mundo, a não ser por James e ela não via nenhuma razão que pudesse separá-la de James. Pelo menos durante anos e anos. Meteu a mão na mala para tirar um lenço de papel e limpou-lhe o nariz. Coitadinho do James! Mas era lindo mesmo assim, era-o sempre, apesar de o seu rosto estar pálido e o seu nariz avermelhado.

Passou um casal; cada um a empurrar uma mala axadrezada sobre rodas. A mulher atrás deles segurava uma pequena maleta numa das mãos e um pequeno saco de viagem na outra. Era difícil dizer qual era a bagagem de mão e qual a de porão. Condiziam, eram de um tom castanho-claro que não se percebia se era de plástico ou cabedal. Era uma mulher banal, desinteressante, deslavada. Os seus olhos claros, perscrutadores, detiveram-se em Benet e reconheceram-na. Foi, assim — se assim não fosse, tê-la-ia Benet reconhecido?

No entanto, aquela era Mopsa. Aquela era a sua mãe louca que a beijava, sorria e fazia um gesto de desinteresse com a mão por James em vez de lhe corresponder, ter ocultado o rosto no ombro de Benet.

Aquela era Mopsa num deselegante saia e casaco cinzento, blusa de seda cor-de-rosa com um alfinete de ouro na gola e cabelo prosaicamente curto e grisalho, num tom de prata baça.

Benet pôs a maleta e o saco no carrinho e utilizou-o como transportador de bagagem. Continuava a transportar James, que fungava e fitava, de olhos muito abertos, curiosos, aquela nova desconhecida avó. Mopsa adquirira um andar desenvolvido, elástico. O seu porte era erecto, a cabeça alta. No passado, umas vezes andara de cabeça e ombros descaídos, outras dançara, empertigara-se e bamboleara-se, consoante os seus estados de espírito tipo Isadora Duncan, mas nunca caminhara com desenvoltura, como qualquer mulher normal. «Ou talvez o tivesse feito quando era eu muito novinha» pensou Benet, tentando recordar uma mãe-rapariga de vinte anos atrás. Era muito tempo. A única coisa de que se lembrava agora era de como ansiara por ter uma mãe normal como outras raparigas tinham e nas quais confiavam naturalmente. Agora, quando tinha vinte e oito anos e isso já não importava, parecia que tinha uma mãe assim. Deixou de olhar fixamente e perguntou pelo pai.

— Está óptimo. Manda saudades.

— E gostam realmente de viver em Espanha?

— Não digo que não tenha as suas desvantagens, mas há 3 anos que o pai não tem sinais da sua asma. Também me mantém em forma, a mim.

Mopsa sorriu alegremente, como se a sua própria doença não tivesse sido mais do que uma espécie de asma. Falava como uma daquelas vizinhas de Edgware tinham falado. Como Mrs. Fenton, pensou Benet, como uma dona de casa de meia-idade.

— Sinto-me quase uma impostora por vir aqui fazer esses exames — confessou Mopsa. Disse-lhes que já não havia nada de errado comigo, mas eles insistiram que não faria mal nenhum e de resto, por que não haveria de ter umas férias? Bem, na realidade eu estou sempre de férias, não estou? Vamos de Metropolitano? Há sete ou oito anos que eu não ando de metropolitano.

— Trouxe o carro — respondeu-lhe Benet.

Antes dos vinte anos, costumara repetir a si mesma com frequência: não devo odiar a minha mãe. A recomendação nem sempre fora obedecida. E depois acrescentava: mas ela está doente, não pode evitar ser assim, é louca. Compreendera e perdoara, mas não quisera estar com a mãe. Quando partira para a universidade, decidira que nunca mais voltaria para casa e, tirando breves férias, não voltara. O pai reformara-se e ele e a mãe tinham comprado uma pequena casa perto de Marbella. O rosto e as costas das mãos de Mopsa estavam bronzeados pelo sol do Sul de Espanha. Benet mudou James para o outro quadril e ele choramingou e agarrou-se a ela.

— Está muito constipado — disse Mopsa. — Não sei se terás feito bem em trazê-lo com uma constipação dessas.

— Não tinha ninguém com quem o deixar. Sabe que acabo de mudar de casa.

Havia uma cadeirinha de bebé no banco de trás do carro, onde James costumava sentar-se muito satisfeito. Benet sentou-o e prendeu-o com as correias de segurança e meteu as malas de Mopsa no porta-bagagem. Ter-se-ia sentido grata se a mãe se tivesse oferecido para se sentar atrás, com James, mas ela já estava instalada no lugar ao lado do volante, com o cinto de segurança posto e as mãos, de luvas pretas deselegantes, cruzadas no colo. Não lhe passou sequer pela cabeça falar com James. Ele ia tristonho no banco de trás, a espirrar de vez em quando e a choramingar baixinho. Benet falava-lhe enquanto conduzia, a apontar-lhe pessoas, cães e edifícios, tudo quanto lhe parecia que poderia ser interessante, mas não tardou a aperceber-se do ressentimento de Mopsa. Esta queria falar dos seus próprios problemas e das suas próprias esperanças, acerca de Espanha e da sua casa e do que iria fazer enquanto estivesse em Londres. Ocorreu a Benet uma coisa em que nunca antes pensara: que as pessoas presumem sempre que quando uma doença mental se cura ou é aliviada, a pessoa fica

simpática, desinteressada, solícita, agradável e sensata. Mas claro que as coisas não se passam assim. Porque haveriam de passar-se? Sob a psico-se tanto pode haver antipatia normal como simpatia normal. Não que Mopsa se mostrasse antipática, longe disso. Talvez Benet quisesse dizer que Mopsa era, tinha sido, costumava ser, louca — mas quando a loucura passara pusera a descoberto um solipsista de alto calibre, alguém convencido de que o mundo girava à sua volta.

A casa de Hampstead, no Vale of Peace, ainda parecia um lugar de regresso estranho. Havia apenas três dias que para lá se mudara. Meteu o carro pela estreita vereda entre aterros altos que conduziam ao lugarinho nos limites do Heath. Durante metade da sua vida, desde o dia em que assistira com amigos à feira que se realizava sempre nos dias feriados logo à saída da Spaniards Road, sonhara viver ali. Depois, quando deixara de ser forçosamente apenas uma fantasia, quando se tornara possível, fizera planos para concretizar o sonho. Mas Mopsa parecia nunca ter ouvido falar daquele famoso enclave, abrigado por castanheiros, sicómoros e pinheiros-de-monterey, onde placas azuis honravam poetas mortos e desaparecidos, um pintor e um ou dois empresários. O facto de Shelley ter brincado na lagoa com barcos de papel e Coleridge ter começado, sentado num tronco no relvado, outro poema épico que jamais seria concluído, eram assuntos da história literária que nunca tinham chegado ao seu conhecimento. Ao apeiar-se do automóvel, Mopsa olhou para a alta e estreita vila vitoriana de Benet com algo parecido com decepção. Que esperara? Um palácio *art deco* na Bishop's Avenue?

— Bem, suponho que não quisesse qualquer coisa demasiado ambiciosa, só tu e o bebé, sozinhos.

James já não era, realmente, um bebé, pensou Benet enquanto abria a porta da frente. Tinha um ano e nove meses, dizia muitas palavras e compreendia ainda mais. Subiu pelo lanço de degraus, mais contente agora que estava em casa, lembrando-se provavelmente dos tesouros que o esperavam, dos brinquedos que enchiam o chão da grande cozinha da casa de brinquedos. Mopsa passou por cima dele para chegar à porta. Benet perguntou a si mesma quando começaria ela a falar da condição de filho sem pai de James. Ou se, apesar das enormes melhoras que notava nela, Mopsa não era nem nunca viria a ser suficientemente uma mulher de meia-idade, do tipo convencional suburbano, para ligar importância a essas coisas. Não tinha esperanças de escapar sem uma menção a Edward, às desvantagens da ilegitimidade e à ameaça que constituía para a normalidade de um rapaz crescer apenas com a mãe. No entanto, disse a

si mesma, deveria sentir-se contente por ter sido Mopsa que viera e não o pai. Este continuava a demonstrar uma incredulidade escandalizada acerca da própria existência de James.

A casa ainda não estava arrumada. Ao longo do corredor havia caixas e caixotes de ornamentos por desembulhar, utensílios de cozinha, louças e vidros e infindáveis centenas de livros. Ao partir para o aeroporto, Benet interrompera a tarefa de arrumar livros nas prateleiras que mandara fazer na sala, que seria o seu escritório, e de tentar engendrar uma espécie qualquer de sistema catalogador. Espalhado no chão, em todas as suas edições em dezasseis línguas estrangeiras, estava o seu romance *best-seller*, fonte do seu desafoço financeiro e daquela casa: *O Nó do Casamento*. Fechou a porta, para evitar que James se lançasse sobre aquela balbúrdia de livros.

No entanto, James parecia ainda com menos vivacidade do que parecera no carro. Em vez de fazer o que Benet esperara e correr para o seu brinquedo mais recente, um xilofone com a sua oitava pintada nas cores do espectro, mais uma dourada, fora para a sua pequena cadeira de verga e sentara-se, a chuchar no polegar. O seu nariz começara a pingar e quando Benet lhe pegou, ouviu-lhe o movimento da respiração no peito. Não exactamente aquilo a que se chama uma farfalheira, era apenas o som da sua respiração, onde não deveria haver nenhum som. A grande cozinha estava quente, aconchegada e luminosa, num dia cheio de sol como aquele. Benet mandara mobilar todo o espaço reservado à cozinha com módulos de carvalho e alcatifar o chão de vermelho-florentino, e mandara também fazer um grande armário para os brinquedos de James.

Depois de deixar a mala e o saco na cama do quarto que Benet preparara para ela, Mopsa desceu cheia de vivacidade e anunciou:

— Agora vamos almoçar fora, que convido eu.

— Acho que não devo levá-lo outra vez para a rua. Ele não me parece muito bem. Podemos comer aqui. Eu já contava consigo para almoçar cá em casa.

Mopsa não ocultou o seu desagrado.

— Não está *frio*, nem pelos padrões espanhóis. — Soltou uma gargalhada, um som metálico e áspero com alguma semelhança com a escala mais baixa do xilofone. — Deves ser uma mãe muito dedicada.

Benet não respondeu. Ela própria se sentia surpreendida com a mãe dedicada que realmente se tornara. Claro que tencionara ser precisamente isso. Ao ter James, ao decidir com determinação ter um filho sem ser casada, planeara uma devoção perfeita, uma infância ideal, o melhor amor e as melhores coisas materiais. Nem imaginara que não lhe teria si-